



ANO NOVO, NOVOS DESEJOS

Afetadas pela pandemia, crianças trocam os pedidos infantis por desejos para um 2021 mais saudável e normal, sem o medo do coronavírus e com muito mais amor e solidariedade. P.2

Zona Oeste



Nicole, de 5 anos, se distrai ajudando nas encomendas de bolo da mãe



Ana Praia quer rever os vizinhos e comer bolo

FOTOS: IMAGEM ARQUIVO PESSOAL



Maria e suas bonecas



Miguel, colado ao vídeo game, mas sonhando com uma partida real de futebol

Crianças: sonhos e desejos bem diferentes para 2021

Em tempos de pandemia, saem de cena os brinquedos e entram a recuperação da liberdade de ir e vir

LUCIANA GUIMARÃES
luciana.guimaraes@odia.com.br

Maria Luiza, de 7 anos, aproveitou o Réveillon de 2020 para projetar para os pais o desejo de até o Natal deste ano ter por completa a coleção de bonecas favoritas. Mas, passados tantos meses, trancafiada em casa, em função da pandemia de Covid-19, a doce menina almeja agora o simples e novo para 2021:

“Eu tenho tempo, tenho um monte de bonecas e não tenho vontade de brincar como antes. Fico olhando para elas e querendo descer e andar de bicicleta, andar entre as árvores, correr. Poder ir à rua sem medo e sem máscara. Eu não gostava de ficar ao ar livre, e agora, sempre que meus pais me chamam eu me arrumo bem rapidinho”, conta, sem perceber que é isso mesmo que estamos todos vivendo: uma requalificação do que nos contenta e nos deixa exultantes.

O ano de 2020 chegou ao fim com gostinho de lição de casa. Nossas crianças primeiro lidaram com o impacto, depois com a aceitação e, por fim, com o aprendizado. Para muitos foi preciso revisitar vidas, ressignificá-las e olhar para as-

pectos que, até então, estavam esquecidos ou para alguns já não tinham valor.

Com a capacidade de compreensão e abstração desenvolvida, é importante verificar o que crianças entenderam sobre o que receberam de notícias e quais são as suas principais preocupações e sentimentos em relação ao cenário atual. A maior crise sanitária do século já afetou a saúde mental e o estresse tóxico é uma das consequências.

“Converso sempre com ela. Mostro que devemos ter cuidado, responsabilidade social e paciência para aguardar que a vacina chegue, que tudo melhore. Mas nessa idade, equilíbrio e serenidade são inabituais. E uma maneira de manter a esperança no ar é conversarmos sobre os desejos para o futuro e ela cada vez mais se revela reconfortada por ideias até então triviais como um banho de mar” relata Sávio Leandro, pai de Maria Luiza.

NOVOS PRINCÍPIOS

Não se sabe quanto tempo tudo isso irá durar e quais serão as consequências sociais. Portanto, no momento, cabe a prevenção e o transcorrer de forma serena. Para a pedagoga

Danielle Littiere, a transformação de princípios foi inevitável:

“Penso que as pessoas esqueceram o que realmente importa na formação de uma criança. Só trabalho era o que importava, pois com ele vinham os recursos para coisas materiais como brinquedos e eletrônicos. Porém, com a pandemia, esses valores foram repensados e começamos a reaprender a valorizar e ensinar nossos filhos a valorizarem o que realmente importa como família, brincadeiras ao ar livre e estar com os nossos amigos. E vimos que isso era bom”, avalia.

Miguel, de 9 anos, anda da sala para o quarto, do quarto para a varanda e vice versa, com a bola que ele costumava jogar com os amigos. As partidas ficaram na memória e o máximo que ele vivencia de futebol se resume aos jogos que imitam as amadas peladas no vídeo game, que nem precisa de mais opções:

“Eu adorava esse jogo que leva a gente para dentro de um estádio. Mas eu jogava de vez em quando. Agora não tem mais graça. Eu quero mesmo é correr descalço na rua, fazer um gol e abraçar meus amigos.”

ANSIEDADE SEM FIM

A gente compartilha desse desejo, Miguel. Rever a família, amigos, até conhecidos se tornou artigo de luxo e aguardamos esses feitos com a ansiedade de quem pergunta naquela viagem de minutos no carro dos pais: “Está chegando?”

Segundo especialistas, as reações emocionais e comportamentais das crianças à pandemia ainda serão sen-

Nunca uma geração ouviu tanto falar em resiliência, solidariedade e compaixão

tidas à longo prazo. Não há como prever o que futuramente esse isolamento e incerteza acarretaram.

“As crianças estão suscetíveis às repercussões psicossociais da pandemia. A desigualdade social também determina diferentes níveis e condições de vulnerabilidade sobre a experiência da infância, de modo que os profissionais da saúde devem estar atentos às

demandas de atenção e cuidado que se produzem nessa situação”, diz Danielle Littiere.

CARTILHA E REFLEXÃO

Essa é a reflexão proposta pela cartilha da série “Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19”, elaborada por pesquisadores colaboradores do do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (Cepedes/Fiocruz), sob coordenação de Débora Noal e Fabiana Damásio, diretora da Fiocruz Brasília.

São aspectos muito divergentes e que assolam os pequenos em dúvidas e incertezas. Mas há de se considerar também que nunca uma geração ouviu tanto falar em resiliência, solidariedade e compaixão. Com muitos pais perdendo o emprego, diminuição brusca da renda e a necessidade de se guardar dinheiro para um amanhã incerto, a mudança de paradigma infantil sobre o que é ou não um presente veio a calhar.

A espreitada Ana Praia, de 7 anos, adora percorrer o prédio onde mora perguntando aos vizinhos, principalmente aos idosos, se eles precisam de ajuda: “Eu tenho um

monte de vizinhos velhinhos e sei que eles não podem sair. Junto com minha mãe perguntamos se querem que a gente vá ao mercado, farmácia ou só damos um boa noite legal mesmo. Eu quero é ir na casa deles comer bolo.”

NOVOS FOCOS

Os pais tentam: investem em atividades lúdicas, brincadeiras, livros, filminhos, exercícios - os que são possíveis -, a vitamina D naquela frecha de sol que bate na varanda e um conjunto de escapatórias para que eles não sofram tanto. Marcella, mãe da pequena Nicole, de 5 anos, aproveita as encomendas de bolo para chamar a pequena para ajudar e assim se distrair um pouco:

“Ela é uma criança muito agitada e feliz. A pilha não acaba e imagine tanta energia presa em casa. Me desdobra para fazer dessa rotina de confinamento algo menos desagradável.”

Nicole brinca, mas não em relação ao que mais quer de resolução de ano novo: “Quero que esse bichinho verde e feio vá embora. Quero que o mundo seja feliz de novo.” E esse é um pedido e tanto. Que se realize logo, amém!.